



## **Veredas atemática**

### **Volume 18 nº 2 – 2014**

---

#### **A noção de unidade informacional no tratamento da subordinação**

Maria Beatriz Nascimento Decat (UFMG)

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo proporcionar aos profissionais do ensino de língua portuguesa uma reflexão sobre conceitos relacionados à sintaxe da organização das orações na língua, com enfoque especial no processo de subordinação. O arcabouço teórico metodológico é de cunho funcionalista, centrado no Funcionalismo da Costa Oeste Norte-americana. Tomando dados do português em uso, e procurando desvincular o reconhecimento, ou identificação, das orações com base na presença de conectivos, parte-se da noção de "unidade informacional", tal como apresentada em Chafe (1980), para estabelecer a diferença entre 'dependência' e 'encaixamento'. Da discussão resulta uma proposta de classificação das orações que leva em conta as relações além do nível sentencial.

Palavras-chave: sintaxe funcional; unidade de informação; encaixamento; hipotaxe; satélite.

#### **Introdução**

Os estudos tradicionais sobre a maneira como as orações se articulam, ou se combinam, para a estruturação do enunciado norteiam-se, de modo geral, pela noção de dependência, em especial a dependência gramatical. Dessa forma, costuma-se vincular o caráter dependente da oração subordinada à presença de conectivos, à sua "pertença" (BECHARA, 1999) a outra oração, bem como ao fato de ela não ter existência própria, como um enunciado independente. Tal enfoque acaba por fornecer definições circulares do processo de subordinação, além de não dar conta de casos em que a distinção entre estruturas coordenadas e subordinadas não é fácil de ser estabelecida. Embora várias análises tradicionais reconheçam as diferenças semânticas entre a coordenação e a subordinação, apresentam uma mistura e indefinição de critérios que levam a uma caracterização da oração subordinada ora como dependente, ora como independente.

Neste artigo são discutidos aspectos da subordinação, numa perspectiva funcionalista, examinando tal processo à luz da noção de "unidade informacional" (*idea unit*), nos termos de Chafe (1980), noção essa que pode contribuir para um melhor entendimento do caráter (in)dependente das orações subordinadas. Fundamentado em aspectos da teoria funcionalista na vertente desenvolvida na Costa Oeste Norte-americana, o artigo objetiva trazer à tona a discussão de aspectos relacionados à caracterização das orações subordinadas, caracterização essa que, apesar de ter sido objeto de inúmeros estudos e discussões, ainda é alvo de interpretações de certa forma equivocadas, não condizentes com a língua em seu funcionamento real. Após algumas considerações sobre as noções de (in)dependência e de encaixamento, o artigo prossegue discutindo a validade e eficácia de um estudo da subordinação que leve em conta a noção de unidade informacional para a determinação do estatuto dependente, ou encaixado, de certos tipos de orações subordinadas que se comportam como satélites subsidiários, numa relação núcleo-satélite, de informações contidas nas orações com as quais elas se relacionam. Como se trata de uma discussão de cunho funcionalista, os enunciados aqui utilizados como exemplos são da língua portuguesa (em suas variedades brasileira e europeia) em situação real de uso, seja na modalidade oral, seja na escrita, tendo sido retirados de *corpora* que vêm sendo constituídos pela autora do presente trabalho desde 1993 até o momento atual, caracterizando-se, assim, como um *corpus* dinâmico, em constante formação. São também, por vezes, utilizados exemplos retirados de textos teóricos de outros autores que, direta ou indiretamente, trataram do tema deste artigo.

## 1. Subordinação e 'dependência'

Os tratamentos atuais da subordinação, como os iniciados por Thompson (1984) e Haiman e Thompson (1984), preocupam-se em mostrar a existência de diferentes tipos de dependência, os quais vão exercer diferentes funções no discurso. Assim, haverá: a) orações dependentes que representam opções organizacionais para o usuário da língua; b) orações dependentes que têm a ver com os fatos da gramática da língua, isto é, aquelas cuja dependência é determinada pelo sistema e que desempenham um papel gramatical em constituição com um item lexical. O primeiro tipo caracteriza, segundo Thompson (1984), as orações independentes, e aí a autora coloca as orações adverbiais, as participiais e as adjetivas não restritivas. Já no segundo tipo estão as orações relativas restritivas, as orações complemento e as que são objeto de preposição.

Thompson (1984) chama atenção para o fato de que as orações que representam opções de organização do texto pelos usuários da língua, em especial as orações adverbiais, parecem formalmente dependentes, mas têm uma independência organizacional. Isso não significa desconsiderar que, em termos pragmáticos, todo enunciado é dependente, uma vez que ele requer contexto para sua interpretação. Há pois, uma dependência pragmática, definida em termos do contexto discursivo e das relações que nele mantêm as proposições. Segundo Thompson (1984), uma análise que fique presa exclusivamente a indicadores formais (como, por exemplo, a presença de conectivos conjuntivos), terá, forçosamente, de considerar a oração subordinada como dependente.

Por outro lado, dizer que uma oração subordinada não pode existir por si mesma, pelo fato de ter uma função sintática na oração chamada de 'matriz', é negar a existência de um fenômeno frequente em muitas línguas e já admitido por Jespersen (1971) para um enunciado como:

- (1) *If only something would happen!* (Se ao menos alguma coisa acontecesse! - tradução nossa)

Da mesma forma, observa-se, no trecho de língua oral dado em (2), a seguir, a ocorrência do enunciado independente *Se bem que agora você não vê...*, constituindo um ato de fala por si mesmo:

- (2) L1: É, a cachoeira é bonita

L2: Muito bonita

L1: **Se bem que agora você não vê...**

(D2-SSA-98: 1.33, p25 e 1.1-2, p.26, *apud* NEVES, 1999, p. 567)

A dependência gramatical, ou formal, também serviu de base para Lyons (1968) caracterizar a oração subordinada, em oposição à oração coordenada. Para esse autor, na subordinação uma oração 'modifica' outra, da qual é gramaticalmente dependente. É de se destacar, no entanto, que o fato de modificar não significa necessariamente dependência gramatical.

Haiman e Thompson (1984) ressaltam que a noção de subordinação tem trazido problemas para os gramáticos por não se referir a uma categoria gramatical unitária. Segundo esses autores, o termo 'subordinação' é "enganador", não podendo ser tomado, como o tem sido frequentemente em várias gramáticas e compêndios didáticos, como um primitivo que não exige definição. Argumentam eles que não existe uma única função ou grupo de funções a que essa 'categoria' deve servir. Sugerem, então, que se abandone o termo 'subordinação', que envolve parâmetros isoláveis e independentes, e que se fale, no lugar dele, em relações de pares adjacentes, onde cada parâmetro envolverá uma relação diferente. Na visão deles, só assim é que se poderá verificar como as orações realmente se combinam no discurso (tomado aqui como sinônimo de "texto"). Assim, em substituição àquele termo, Haiman e Thompson (1984) propõem propriedades formais independentes (que não interessam aos objetivos do presente estudo) como parâmetros que são associados às combinações de orações tradicionalmente designadas como 'principal' e 'subordinada'. A essas propriedades os autores chamam de "propriedades de combinações de orações não-coordenadas".

Thompson (1984) reserva o termo 'subordinação' somente para se referir às estruturas de encaixamento e se volta ao estudo das orações adverbiais, que constituem um tipo de hipotaxe, chamado por Halliday (1994 [1985]) de 'realce' (*enhancing*) - ou 'destaque', 'embelezamento'. A diferença, portanto, entre encaixamento e hipotaxe passa a ser estabelecida em termos de graus de interdependência, já que o primeiro tipo implica um grau maior de dependência, ficando a oração estruturalmente integrada em outra e, por isso, perdendo sua identidade funcional de oração.

Na literatura linguística, costuma-se utilizar o termo 'subordinação' para identificar o ambiente sintático em que uma oração se apresenta configurada numa relação predicado-argumento, ou seja, quando ela é um constituinte argumental de um predicado, por exemplo. Nessa situação a oração se materializa num encaixamento sintático. Tal encaixamento ocorre quando a oração é um constituinte argumental, por exemplo, de um predicado, como a oração destacada em (3) abaixo:

- (3) O dono da farmácia disse **que o remédio está em falta.**

De modo diferente, estão orações que expressam relações circunstanciais de tempo, causa, condição, concessão, entre outras, que não se caracterizam como constituinte argumental num complexo oracional. Ao contrário, são as opções organizacionais de que fala Thompson (1984). As orações do primeiro tipo costumam receber, intercambiavelmente, os nomes de 'subordinadas', ou 'encaixadas', ou ainda 'completivas', e exibem, segundo já mostrou Bally (1965 [1944]), um grau de dependência maior, uma "soldadura" com o predicado do qual são argumento. Já as que veiculam circunstâncias teriam, em relação à oração com a qual se combinam, um grau menor de interdependência, a que Bally chama de "segmentação", como exemplificado em (4):

(4) então **quando eu fui falar** eu já tinha...já tava empregado  
(NDO3M, 12, 428-430, *apud* DECAT, 2001, p. 122)

Em outras palavras, a primeira caracterização, como a exemplificada em (3), refere-se ao que atualmente se entende por oração complexa, ou, nos termos de Vilela e Koch (2001), uma "frase composta"; e a segunda, exemplificada em (4), diz respeito a uma combinação subordinativa denominada hipotaxe. E mais: no caso de (3) temos subordinação propriamente dita, ao passo que em (4) se trata de combinação, e não de subordinação. Em ambos os casos a oração deve ser vista como um "ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta" (BECHARA, 1999, p. 463). Nesse aspecto é que se entende, aqui, a oração como uma unidade informacional (a ser discutida adiante), materializada seja por uma oração complexa, seja por uma oração hipotática.

## 2. Dependência *versus* encaixamento

A preocupação em definir subordinação e sua possível vinculação com a noção de dependência também é apresentada por Van Valin (1984). Segundo esse autor, essa tarefa envolve dois componentes: um primeiro, que diz respeito à dependência na forma; e o segundo, que tem a ver com o encaixamento de uma estrutura em outra. Van Valin (ano) expressa tais componentes em termos dos traços primitivos [ $\pm$  dependente] e [ $\pm$  encaixado] e caracteriza a subordinação como [+ dependente, + encaixado]. Essa poderia ser considerada uma caracterização redundante, tendo em vista ser frequente, nas análises tradicionais, a equivalência entre dependência e encaixamento. A propósito disso, convém lembrar que muitas dessas análises, e mesmo de outras da linguística moderna, definem a oração subordinada como aquela estrutura que, por fazer parte de outra, dela depende. O apego a critérios puramente formais impede, muitas vezes, o reconhecimento não só da independência semântica da oração subordinada, como também da existência de oração coordenada dependente. Estruturas desse último tipo constituem as chamadas 'falsas coordenações', como se pode verificar em (5) e (6) abaixo, em que a oração iniciada pelo conectivo "e" costuma ser identificada, nos enfoques tradicionais, com o estatuto de oração coordenada (no caso, aditiva), simplesmente com base na presença de um conector dado como coordenativo. Tal análise levaria a ignorar uma relação de causa(condição)-consequência entre as duas orações, no caso de (5), e de motivo (causa), entre as orações do enunciado de (6):

(5) Faça isso **e** você apanha!  
(DECAT, 1993, p. 24)

(6) tinha que ter um assunto qualquer **e** eu peguei esse

Além disso, postula Van Valin (ano) que as orações podem ser dependentes, mas não necessariamente encaixadas, ou seja, dependência não equivale a encaixamento; e isso o leva a estabelecer dois tipos dentro do processo de subordinação: a oração subordinada e a "co-subordinada", escalonadas uma em relação à outra em termos do grau de 'tensão' sintática que resulta da combinação das orações. Nessa escala, a tensão sintática mais forte, decorrente da dependência de categoria gramatical, define a co-subordinação, sendo que a subordinação exibiria apenas uma dependência distribucional. Nesse último caso, entrariam, por exemplo, as orações adverbiais. Já no primeiro, estariam as orações completivas (chamadas, tradicionalmente, de subordinadas substantivas).

Essa análise de Van Valin traduz, com terminologia diferente, a subdivisão feita por Thompson (1984) para estabelecer diferenças quanto ao tipo de dependência de uma estrutura em relação a outra. Assim, as "opções organizacionais" postuladas por Thompson equivalem ao que Van Valin apresenta como "subordinação". Já as estruturas que esse autor considera como "co-subordinação" constituem, nos termos de Thompson, o tipo de dependência que envolve constituência, traduzida, portanto, no encaixamento, em que a tensão sintática, ou o grau de junção sintática, é mais forte.

A questão da integração estrutural de uma oração em outra foi também considerada por Halliday e Hasan (1976) e Halliday (1994 [1985]) para o estabelecimento de diferenças entre os tipos de dependência: a que caracteriza uma oração encaixada (*rankshifted*), que funciona como um constituinte dentro da estrutura de um "grupo nominal", o qual, por sua vez, é constituinte de uma oração, como é o caso da oração *que tinha muita correnteza* (e também *que eu não estava conseguindo voltar*), de (7) abaixo, que é um sintagma nominal, sob forma oracional, objeto direto do verbo "notar", constituindo, pois, uma oração completiva, estando integrada na estrutura complexa *eu notei que tinha muita correnteza*, estando **dentro** dela; e a hipotaxe, um tipo de relação "tática", significando "colocar em ordem", que se diferencia do encaixamento por ser uma relação **entre** orações, como evidencia a oração *quando eu já estava bem lá para a frente*, que não está em constituência com nenhum item lexical da oração com a qual se relaciona, mas mantém com ela, ou com o restante do enunciado, uma relação de tempo.

(7) Lá pelas tantas, **quando eu já estava bem lá para a frente**, eu notei **que tinha muita correnteza** e que eu não estava conseguindo voltar.

(NE9M, 1, 15-18, *apud* DECAT, 2001, p. 123)

Estabelece-se, então, a diferença, não entre tipos de dependência, mas entre dependência, por um lado, e integração estrutural, por outro. Esse é o aspecto crucial para que se considere a necessidade de se desmembrar a noção de subordinação, como apontam Thompson (1984) e Haiman e Thompson (1984).

### 3. A noção de 'unidade informacional' no tratamento da subordinação

Uma diferenciação entre encaixamento e hipotaxe pode ser melhor entendida a partir da noção de "unidade informacional" (*idea unit*), dada por Chafe (1980). Trata-se de "jatos de linguagem" que podem ser identificados pela entonação (contorno entonacional de final de oração), pela pausa (ou hesitação), mesmo breve, que separa as unidades entre si. Tais

unidades, ou jatos, tendem também a se caracterizar sintaticamente como constituindo uma única oração, mas não necessariamente.

Uma unidade informacional contém, na visão de Chafe, toda a informação que pode ser 'manipulada' pelo falante num único foco de *consciousness*, ou seja, há um limite quanto à quantidade de informação que a atenção do usuário da língua pode focalizar de uma única vez; em outras palavras, a unidade informacional expressa o que está na memória de curto termo e pode conter por volta de sete palavras. Entende-se aqui, nessa discussão, que o critério de número de palavras é o mais fraco para a identificação dessa porção de texto, uma vez que as línguas, sendo sintéticas ou analíticas, diferem quanto à quantidade de elementos que compõem um bloco de informação. De qualquer forma, os fatores elencados por Chafe não têm de estar todos presentes na identificação da unidade informacional. Segundo o autor, para o caso de língua oral, o contorno entonacional é o sinal mais consistente para tal identificação. Para os propósitos da presente discussão está sendo considerando o conceito de unidade informacional como equivalente a uma oração.

A unidade informacional pode ser, segundo Chafe (1985), expandida de várias maneiras. Dentre os mecanismos de expansão estão, por exemplo, as orações complemento (ou orações completivas) e as orações relativas restritivas. A partir dessa caracterização, entende-se como viável o estabelecimento da diferença entre encaixamento e hipotaxe em termos da noção de unidade informacional, a qual poderá também lançar uma luz sobre a questão da (in)dependência de orações. Assim, por exemplo, pode-se considerar que uma oração encaixada, como a exibida em (8),

(8) O empreiteiro ordenou **que todos colocassem o capacete.**

(VILELA; KOCH, 2001, p. 394)

fará parte da mesma unidade informacional que a construção na qual ela se encaixa, sendo, nesse sentido, dependente. Nesse ponto, é interessante fazer uma relação com o que postula a gramática tradicional, quando faz uso de critério semântico para definir dependência: a necessidade de completar o sentido de outra oração - argumento utilizado pelos gramáticos para estabelecer a diferença entre oração principal e oração subordinada - seria, assim, uma decorrência natural daquilo que constitui uma unidade informacional. O fato de uma oração não poder, por ser dependente, constituir por si só um enunciado decorre de não ser ela uma unidade informacional. Assim, em (7), não há duas unidades informacionais, mas somente uma, que é todo o enunciado, ou seja, toda a oração complexa, na qual está integrada uma oração com função completiva. Por outro lado, se uma oração adverbial, por exemplo, constituir uma unidade informacional por si mesma, ela será uma construção hipotática, e, portanto, independente, como já mostrado anteriormente nos exemplos (3) e (6). Mesmo em se tratando de oração adverbial, caso ela esteja em constituição com um item lexical de outra oração, ela não será uma unidade informacional à parte, por estar encaixada. Uma análise que leve em conta essa noção poderá explicar, assim, a diferença entre um sintagma adverbial oracional que esteja dentro do sintagma verbal e um sintagma adverbial oracional que esteja fora desse sintagma.

Taboada e Mann (2006), ao discutirem a questão da segmentação da unidade de análise, ressaltam o estatuto unitário e independente de orações com todos os tipos de dependência existentes dentro delas. Isso quer dizer que uma oração constitui uma unidade, juntamente com todos os seus constituintes.

### 3.1. Unidade informacional, encaixamento e a relação núcleo-satélite

As postulações encontradas nos estudos de Haiman e de Thompson, vistas acima, quanto à multidimensionalidade do fenômeno da subordinação vão ser retomadas em Matthiessen e Thompson (1988), onde a preocupação central dos autores é, não mais com o não fenômeno da subordinação, como eles argumentam, mas com a maneira como as orações se combinam para formar um discurso coeso. A abordagem funcionalista ali encontrada leva à interpretação do encaixamento como uma relação parte-todo, ou seja: a oração encaixada funciona dentro de outra da mesma forma que um sintagma simples o faria. Assim, ela funcionará como sujeito, complemento. etc. Segundo Matthiessen e Thompson, o encaixamento não se refere a um tipo de construção sintática, mas significa dizer que uma oração mudou para servir a uma função diferente daquela à qual é normal que as orações sirvam. Ou seja, a função normal de uma oração não é de se encaixar em outra, mas a de ser ela mesma o veículo de toda a informação. Nesse sentido pode-se entender o que Halliday e Hasan (1976) têm em mente quando apontam para a perda de identidade funcional da oração. Logo, o encaixamento não é tratado como um tipo de combinação de orações.

O interesse de Matthiessen e Thompson (1988) é por um tipo de combinação de orações que não são casos de encaixamento: trata-se da combinação por hipotaxe. Postulam eles que, embora as orações desse tipo sejam interdependentes - estando numa relação do tipo 'núcleo-dependente' com outra oração em algum nível - não há por que dizer que uma é parte da outra, uma vez que os eventos por elas transmitidos não estão numa relação parte-todo. Isso quer dizer que, se duas orações combinadas expressam dois eventos, relacionados entre si, por exemplo, por precedência, não se pode dizer que um evento é parte do outro; no entanto, ambos podem fazer parte do mesmo episódio.

Na discussão sobre a subordinação, não se pode deixar de lado uma visão diferenciada sobre a combinação de orações tal como a que é dada pela Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory*) - doravante RST. Trata-se de uma teoria descritiva, voltada para a explicação da coerência de um texto, em termos da forma como suas partes se organizam. Desenvolvida por Mann e Thompson (1983;1988), Mann, Matthiessen e Thompson (1992) e também Taboada e Mann (2006), além de vários outros pesquisadores funcionalistas da costa oeste dos Estados Unidos, a RST propõe que a formação dos textos se dá por grupos organizados de orações, as quais estão sendo aqui consideradas como unidades informacionais. De acordo com essa teoria, existe entre essas unidades um relacionamento hierárquico que se manifesta de diferentes formas, refletindo as escolhas, ou opções, do usuário da língua na organização de seu texto/discurso. A RST estabelece dois tipos de unidades: a unidade núcleo e a unidade satélite. No núcleo está a informação básica, enquanto o satélite traz a informação adicional, subsidiária ao núcleo. As orações adverbiais funcionam, de modo geral, como satélite de um núcleo, com o qual mantêm relações de concessão, causa, condição, por exemplo. As relações de organização do texto são do tipo núcleo-satélite e multinuclear. No caso da primeira, uma parte, o satélite, serve de subsídio para a interpretação do núcleo, não havendo uma ordem fixa nessa relação. Já o núcleo representa a parte central, que pode ser subsidiado por mais de um satélite. Na relação multinuclear as porções de texto se relacionam como lista, contraste ou seqüência. De modo geral, correspondem a estruturas conhecidas como coordenadas. Cada um dos núcleos pode ser considerado uma unidade de informação em algum nível da organização do texto.

### 3.2. Uma proposta de classificação

Levando em consideração tudo o que foi apresentado a respeito da subordinação, é chegado o momento de se verificar a diferença, à luz da noção de unidade informacional, entre os tipos de orações elencadas pela Gramática Tradicional como subordinadas.

Primeiramente, é possível observar que, sob o mesmo rótulo de 'subordinadas', estão orações que se diferenciam quanto a constituírem, ou não, cada uma por si, uma unidade informacional. Relacionado a isso está o problema da segmentação das orações. Uma estrutura do tipo da exibida em (8), dada anteriormente e repetida a seguir,

(8) O empreiteiro ordenou **que todos colocassem o capacete.**

(VILELA; KOCH, 2001, p. 394)

costuma receber, nas gramáticas tradicionais e em compêndios didáticos, a seguinte análise:

a) oração principal: *o empreiteiro ordenou*; b) oração subordinada: *que todos colocassem o capacete*. Ora, observando (8) à luz da noção de unidade informacional, não se pode dizer que ali há duas orações, porque só há uma unidade informacional, qual seja a de 'ordenar/fazer algo'. O segmento *que todos colocassem o capacete* é um constituinte argumento do predicado que se encontra na primeira parte do enunciado, qual seja, *o empreiteiro ordenou*. Equivocadamente, costuma-se atribuir a esse último segmento a caracterização como 'oração principal', à qual estaria vinculada a porção *que todos colocassem o capacete*. Como foi visto acima, essa suposta oração subordinada mantém um grau de dependência muito forte em relação à primeira porção, chamada de 'principal', com a qual está numa relação parte-todo. Trata-se de uma "soldadura", nos termos de Bally (1965 [1944]). E assim serão todas as subordinadas chamadas "completivas". Não se trata, pois, de duas orações, mas de uma oração complexa, que tem um de seus constituintes materializado em forma de oração, mas que faz parte de um único bloco informacional, veiculado pela estrutura em sua totalidade, a qual vem a ser a oração principal. Dito de outra forma, a principal é toda a oração complexa, que traz, dentro dela, uma outra oração como um de seus constituintes, ocupando a posição de um argumento verbal.

De modo diferente, estruturas como (9)

(9) eu evito comer outros queijos...**embora goste muito**

(DID-RJ-328:621-623, *apud* NEVES, 1999, p. 548)

apresentam duas unidades informacionais - *eu evito comer outros queijos* e *embora goste muito* - que mantêm entre si uma relação de concessão, explicitada pelo conector *embora*. O grau de interdependência entre essas duas unidades constitui uma segmentação, nos termos de Bally, uma combinação, e não uma subordinação propriamente dita. Nesse caso, nenhuma das orações é parte de outra, nenhuma é constituinte argumental de outra. Ao contrário, são materializações de duas informações que se articulam como opção de organização para formar o enunciado como um todo. Aqui não se faz presente a relação parte-todo, mas uma relação combinacional, em que nenhuma porção é parte da estrutura da outra. Analisando sob a ótica da RST, há, no caso de (9), uma relação núcleo-satélite, em que *embora goste muito* é o satélite que adiciona uma informação à informação básica contida no núcleo *eu evito comer outros queijos*. Ao contrário, em (8) não há satélite, mas uma estrutura mononuclear, em que a informação trazida pela porção *que todos colocassem o capacete* é parte da informação básica veiculada por toda a oração complexa, e que, por força da valência do verbo "ordenar", vai ser seu argumento interno.



Resta, agora, discutir o tipo de subordinação manifestado por orações relativas (ou adjetivas, na terminologia tradicional), como as exemplificadas a seguir:

(10) O livro **que comprei** custou caro

(DECAT, 2011, p. 35)

(11) Um dos passageiros, chinês, desesperou-se. Tentou abrir a porta de emergência assim que anunciaram o assalto. Foi contido sem violência pelos bandidos, **que fizeram piada sobre a tentativa de fuga pouco convencional**.

(DECAT, 2011, p. 49, exemplo 1a.)

(12) Salvo raras exceções, os críticos distraem-se a falar de mim, **o que acho excelente**.

DECAT 2011, p. 49, exemplo 1d - português europeu)

A oração destacada em (10) é um exemplo de oração relativa restritiva e as de (11) e (12) são orações relativas apositivas (ou explicativas). As três estruturas realçadas são frequentemente analisadas como tendo um mesmo estatuto sintático, qual seja o de orações subordinadas. No entanto, elas diferem entre si, primeiramente, quanto ao grau de interdependência em relação à oração que, com elas, constitui todo o enunciado. No caso de (10), a oração *que comprei* é uma delimitação do termo "livro", seu referente, restringindo-o. Trata-se, portanto, de uma relativa restritiva. O fato de ela apresentar uma propriedade restritiva de um item lexical antecedente a torna parte da informação contida no item lexical, o que faz dela uma parte da sequência maior, que é todo o enunciado. Em outras palavras, a oração destacada não constitui, por si só, uma unidade informacional, mas é parte da informação veiculada no todo. Existe aí, um caso de integração estrutural, ou seja, um caso de constituição, dado que a oração é atributo do item lexical "livro", compondo, com esse e o determinante "o", todo o sintagma nominal que, por sua vez, é argumento interno do predicado da oração complexa.

Quanto às orações realçadas em (11) e (12), são ambas relativas apositivas, funcionando como um aposto de um item lexical (no caso de 11) ou de toda uma estrutura antecedente (como no caso de 12). Assim, a oração *que fizeram piada sobre a tentativa de fuga pouco convencional* não restringe o item "bandidos", mas acrescenta-lhe informações, adicionando detalhes, especificando ou elaborando o item, constituindo, assim, informação subsidiária à que é dada pelo item lexical. A oração constitui, então, uma unidade informacional à parte, exibindo um grau mais frouxo de interdependência em relação à oração à qual ela se liga, sendo, pois, um tipo de subordinação por "segmentação", como propõe Bally (1965 [1944]). No exemplo (12) ocorre situação semelhante, pelo fato de a oração destacada elaborar, ou mesmo avaliar, uma informação dada na parte anterior do enunciado. De conformidade com os postulados da RST, em (11) e (12), temos a materialização de uma relação núcleo-satélite, em que a oração relativa funciona como satélite da porção anterior, que é o núcleo. Já no caso de (10), não se tem uma relação núcleo-satélite, mas uma relação de complementaridade restritiva, evidenciando um grau de interdependência, ou integração estrutural, muito mais forte, constituindo o que Bally (ano) chama de "soldadura". Nesse caso, todo o enunciado dado em (10) é uma única unidade informacional.

Cabe, aqui, uma observação quanto à classificação das orações subordinadas dada pela Gramática Tradicional. Uma análise que leve em conta a noção de unidade informacional, aliada ao conceito trazido pela relação núcleo-satélite, postulado pela RST, não irá colocar, numa mesma categoria, como faz a Gramática Tradicional, orações que exibem tipos

diferentes de subordinação. Assim, uma nova classificação se impõe, sob uma ótica funcionalista, separando, por um lado, as orações que mantêm um vínculo estrutural mais forte com outra, que é sua matriz, num ambiente sintático de "soldadura". Enquadram-se, nesse tipo, as orações subordinadas substantivas e a oração relativa restritiva. Num outro campo de categorização estariam as orações subordinadas adverbiais e a oração relativa apositiva (ou não restritiva), caracterizadas por seu grau mais frouxo de interdependência, constituindo uma "segmentação", um satélite que fornece informação subsidiária para uma oração núcleo, por força de sua materialização como uma unidade informacional à parte.

Uma análise da subordinação tal como a que é aqui proposta permite que se tenha uma melhor compreensão da ocorrência "desgarrada" (DECAT, 2011) de uma oração, isto é, de sua ocorrência independente como enunciado, como exemplificam as estruturas abaixo, de alta produtividade no português em uso:

- (13) Como todo projeto extenso, tem coisas ruins, mas também tem coisas boas.  
Podem receber elogios junto com as críticas. **Embora saibam que as últimas é que rendam manchetes.**

(DECAT, 2011, p. 104)

- (14) Estava sem assunto. **O que não deve surpreender ninguém.** Afinal, esta é praticamente uma constante. Estou sempre sem assunto. Mas aí tocou o telefone. Era a Adriane Galisteu.

(DECAT, 2011, p. 50)

- (15) A Alemanha ainda pressionava quando, aos 21 minutos, Ronaldo lutou contra Harmann na intermediária. Roubou a bola. Ela ficou com Rivaldo. **Que chutou com força e efeito, à meia altura.** Kahn errou. Defendeu parcialmente, mas a bola voltou para o meio da área e lá estava Ronaldo, o grande Ronaldo. **Que empurrou para o gol: 1 a 0.**

(DECAT, 2011, p. 73)

Explicitando melhor, as orações destacadas acima constituem, todas elas, unidades informacionais por si mesmas, o que lhes permite a ocorrência desgarrada. O mesmo não ocorre com estruturas do tipo como foi dado em (10), em que não é de esperar que a oração *que comprei* se materialize como uma estrutura independente.

O trecho a seguir, do português brasileiro escrito, exhibe ocorrências dos diferentes tipos de subordinação discutidos neste trabalho. As estruturas a serem comentadas estão destacadas e numeradas de (i) a (vi), no interior do exemplo.

- (16) Na realidade, o homem ainda não conseguiu descobrir um tipo de reunião (i) **que seja mais prazerosa do que aquela que acontece em torno da mesa.** (ii) **O que vale também para as famílias.** (...) Pares cacifados ou contando os trocados vão procurar uma casa (iii) **que se ajuste ao seu bolso**, para usufruir de uma noite (iv) **que precisa, que deve, ser perfeita.** (v) **Mesmo que o jantar não passe de uma pizza com refrigerante.** (...) Há exceções, é claro, de casas que fazem o que podem para manter um padrão de qualidade - (vi) **o que acaba refletindo nos preços e na queixa dos clientes.**

(Anna Marina, "Mistérios das casas de pasto de BH", ESTADO DE MINAS, 12/06/04, Caderno Cultura, p. 2; *apud* DECAT 2011, p. 78)

Primeiramente, em (i), (iii) e (iv) temos o caso de subordinação por encaixamento, em que a oração relativa restritiva está em constituição com o item lexical "reunião" - no caso de (i) - "casa" - no caso de (iii) - e "noite", no caso de (iv), com o qual mantém um grau maior de dependência, ou soldadura, tal como postulado por Bally (1965 [1944]). A oração (ii) exibe uma ocorrência 'desgarrada' (DECAT, 2011), concretizando-se dessa forma exatamente em consequência do fato de ser uma unidade informacional por si mesma. Já a oração (v) é uma manifestação 'desgarrada' de uma oração adverbial, que mantém, com a porção anterior do enunciado, uma relação de concessão, constituindo o tipo de subordinação visto aqui como combinação entre orações, exemplificando o que Bally chama de segmentação. Nos termos da Teoria da Estrutura Retórica - RST, essa estrutura tem a função de satélite de um núcleo que, no exemplo em tela, é o enunciado: pares cacifados ou contando os trocados vão procurar uma casa que se ajuste ao seu bolso, para usufruir de uma noite que precisa, que deve, ser perfeita. Também nesse caso, a ocorrência desgarrada se explica pelo fato de essa oração ser uma unidade informacional, um ato de fala por si. Finalmente, há a oração (vi), uma relativa apositiva que, como tal, mantém, com a porção precedente do enunciado, uma relação combinacional, sendo, portanto, um caso de hipotaxe, assim como a oração (v).

## Conclusão

Mesmo que se postulem diferentes tipos de subordinação, problemas continuam a existir, tendo em vista que muitas análises levam em conta a relação entre orações somente no nível sentencial. A dificuldade em se explicarem casos das chamadas 'falsas coordenações', de orações subordinadas sem a oração matriz (ou sem a principal, na ótica da gramática tradicional), ou mesmo o estatuto das orações quanto à noção de dependência reforça a ideia, apontada acima, de Thompson (1984) e Haiman e Thompson (1984) no sentido de se abandonar o termo 'subordinação' e de substituí-lo por parâmetros que melhor descrevem a relação entre as orações no nível do discurso (entendido, aqui, como texto). O objetivo desses autores é, portanto, o de examinar o fenômeno de combinação, ou articulação de orações (*clause combining*).

É possível afirmar, então, que uma abordagem da subordinação através da utilização da noção de unidade informacional pode alcançar grande poder explanatório. Primeiramente, por esclarecer melhor o que significa, para uma oração, ser, ou não, dependente. Não se trata de uma terminologia nova, mas de uma abordagem mais adequada para a questão do significado 'completo' ou 'incompleto' de uma oração. Em segundo lugar, por poder também fornecer uma explicação para o caráter dependente de algumas orações coordenadas.

### Information unit in subordination

ABSTRACT: The aim of this paper is to provide the professionals who work with Portuguese language teaching with a reflection on notions related to the syntax of clause organization in this language, with particular emphasis on the subordination process. The discussion is supported theoretically and methodologically by the North America West-Coast Functionalism. Using data from Portuguese in its actual usage and trying to dissociate the recognition, or identification, of clauses based on connectives, the paper applies the notion of "information unit", as proposed by Chafe (1980), in order to set the difference between 'dependence' and 'embedding'. The result of the discussion is a proposal of classification that takes into account the relations beyond sentence level.

Keywords: functional syntax; information unit; embedding; hypotaxis; satellite.

## REFERÊNCIAS

- BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique historique*. 4. ed. Éditions Francke Berne, 1965 [1944].
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999 [1928].
- CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W.L. (Ed.). *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.
- CHAFE, Wallace L. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D.; TORRANCE, N.; HILDYARD, A. (Ed.). *Literacy, language and learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 105-123.
- DECAT, M.B.N. "*Leite com manga, morre!*": da hipotaxe adverbial no português em uso. 1993. 287 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas - LAEL). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.
- DECAT, M.B.N. Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português. *Revista SériEncontros* (Descrição do Português: abordagens funcionalistas), ano XVI, n.1, Araraquara, SP: UNESP, 1999, p. 299-318.
- DECAT, M.B.N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M.B.N. et al. *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001, p. 103-166 (Coleção Ideias sobre Linguagem)
- DECAT, M.B.N. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London/New York: Arnold/Oxford University Press, 1994 [1985]
- HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- HAIMAN, John; THOMPSON, S.A. "Subordination" in universal grammar. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 1984. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1984, p. 510-523.
- JERPERSEN, Otto. *La philosophie de la grammaire*. Trad. Anne-Marie Léonard. Pref. Antoine Culioli. Paris: Les Éditions de Minuit, 1971.
- LYONS, John. *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. *Relational propositions in discourse*. Marina del Rey, California: University of Southern California/Information Sciences Institute, 1983, Relatório técnico ISI/RR-83-115.

MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. Rhetorical structure theory: toward a functional theory of text organization. *Text*, v. 8, n.3, p.243-281, 1988.

MANN, W.C.; MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S.A. Rhetorical structure theory and text analysis. In: MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. (Ed.) *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1992, p. 39-78.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S.A. The structure of discourse and "subordination". In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S.A. (Ed). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988, p. 275-329.

NEVES, M.H. de Moura. As constructors concessivas. In: NEVES, M.H.M. (org.) *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, v. VII (Novos Estudos), 1999.

TABOADA, M.; MANN, W.C. Rhetorical structure theory: looking back and moving ahead. *Discourse studies*, v. 8, n. 3, p.423-459, 2006. Disponível em <http://dis.sagepub.com/cgi/content/abstract/8/3/423>. Acesso em 19 jun. 2010.

THOMPSON, Sandra A. Subordination in formal and informal discourse. In: SCHIFFRIN, D. (Ed.). *Meaning, form, and use in context: linguistic applications*. Washington: Georgetown University Press, 1984, p. 85-94.

VAN VALIN, R.D. A typology of syntactic relations in clause linkage. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 1984. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1984, p. 542-558.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore V. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra, Portugal: Livraria Almedina, 2001.

Data de envio: 22/05/2014

Data de aceite: 26/02/2015

Data de publicação: 23/04/2015